

REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 28-A,  
Lisboa - PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talha-Lisbon - Telefone 5339 O.  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Ridículas mentiras

A indigna tática dos nossos inimigos, aqui tantas vezes verberada, mantém-se imperturbavelmente. Essa tática é a mentira. Não podendo apresentar argumentos que condenem a nossa posição, impossibilitados de invocar princípios de justiça que vão de encontro às nossas pretensões, optam pela mentira. O que se não pode combater à luz da discussão, desvirtua-se, uma mentira desfigura um acto. Uma situação pode tornar irreconhecível em princípio. Eles sabem-no bem, e por isso perseveram no odioso esquema. Verdade seja que, por tão desastrosa e estupidamente usarem dele, não tiram resultados que se vejam. Tentar, emburhar, caluniar — está bem, qualquer indivíduo de arruinado carácter se desempenhará dessa tarefa, com inteligência, de maneira a fazer a mentira verossímil e assimilar, que é difícil, porque a inteligência vai raneando — do outro lado da barricada.

Nos últimos tempos, mais acentuada a mentira tem-se tornado. Os tráfegos têm-se mosado infatigáveis. Há as mentiras jornalísticas. Para só falar das mais recentes, temos o caso dum qualquer tráfego (*Capital*, 12 de outubro) que diz assistido em Varsóvia ao desfile de onze mil prisioneiros bolchevistas. Mas contou duzentos com os pés calçados. Tinha boa vista, o parlapatão, mas assim apurou, com tamanha rapidez, o número exacto de pés descalços existentes na tropa em movimento. Mais recentemente temos o telegrama, ontem publicado em quasi todos os jornais, ressaltante a situação miserável em que se encontra actualmente Krapótkine e sua esposa, por virtude duma perseguição do regime dos soviets. Depois de, por vezes, haverem fusilado Gorki, e depois venissem a apresentar agora matando o velho praga-dista russo.

No lado das mentiras jornalísticas encontramos as mentiras governamentais. As últimas têm estúpidas e desastrosas como as primeiras. O sr. Granjo, não sendo, em suma, uma enorme de talento, (basta olhar-lhe a pira para perceber isso, o rosto sendo, um reflexo da vivacidade mental das creaturas) o sr. Granjo que é um génio, mas não é também o estúpido dos estadistas que, da imprensa para cá, aqueceram o fau-ces presidencial, tem reiniciado com singular encarniçamento, na tática de mentiras pueris, destas mentiras tola-meter-se pelos olhos dentro, que o homem inteligente por decore não aluzaria em público, reservando-as para o gasto de mulheres crendas, em salas de apêto. Pois o sr. Granjo, que as faces se lhe ruborizassem, contou aquela história das ligações inparatadíssimas documento. E logo *A Vitória* o publicou, terminada que foi a greve gráfica que nessa época decorria.

Agora, para terminar, a verdade dos factos, já que a esta tarefa, tornada árdua pela abundância de trapalhices, jurámos consagrar-nos.

Aqui há meses, no Pôrto, um indivíduo até então desconhecido no meio operário e avançado, apresentou-se a Albano de Campos, antigo republicano e revolucionário simpatisante, expondo-lhe um mirífico plano para fazer a revolução social no Norte, e pediu-lhe o relacionamento com os elementos avançados daquela capital.

O nome do mágico ignoramo-lo, mas sabemos que, indagados os seus antecedentes, parece ter vindo a averiguar-se que o homem pertencera em tempos à policia. Amigo Albano teve em pouca conta as faculdades mentais do personagem e as excelências do seu plano; e, sem dar-lhe uma resposta formalmente negativa, por largo protelou a desejada apresentação. Até que, apheronhado pela insistência do outro, consente em levá-lo à presença de vários camaradas. Lá foi o plano lido e encarecido pelo seu autor. Os ouvintes julgaram de princípio estar em presença dum esbirro, mas a breve trecho perceberam que dum desequilibrado apenas se tratava, e, como tal, o desatenderam. Despeitado, mas não desarmado, o homem avista-se ainda com um outro camarada, mas em tam má hora o fez que foi corrido, sem mais formalidades, o mesmo lhe tendo sucedido em posteriores diligências que efectuou. Desiludido em tudo, o pobre diabo ter-se-ia resolvido a enviar para *A Vitória* o seu plano genial, a que o jornal deu publicidade na data acima apontada.

O «plano» que *A Capital* a certa altura trunca, por sinal, é como os leitores

## C. G. T.

**Conselho Confederal**

Com a presidência da sessão anterior, reuniu o Conselho Confederal. No expediente foi lida a adesão da Associação dos Manipuladores de Pão do Funchal.

Antes da ordem dos trabalhos, o secretário geral participa que por dois delegados da Associação dos Descarregadores de Terra e Mar, do Pôrto, lhe foi comunicado o estado em que se encontra aquela Associação relativamente às reclamações que vinha fazendo aos armazenistas daquela cidade e um incidente que com a mesma teve um delegado da Federação Marítima, desejando aquela Associação que a Confederação ali enviasse um delegado para intervir naquelas questões. Resolvido satisfazer, nomeando para esse fim o delegado da Associação da Amora.

Em seguida o Conselho ocupou-se dos presos, delegando numa comissão de três membros o encargo de os visitar hoje.

Na ordem dos trabalhos prossegue a apreciação do relatório do secretário geral. Na discussão tomam parte vários delegados, sendo por fim o relatório aprovado na generalidade, prosseguindo na outra sessão a discussão das suas conclusões.

Sobre a situação do secretário geral na Confederação, foi apresentada e unanimemente aprovada a seguinte proposta: «O Conselho Confederal, atendendo a que o serviço confederal é cada dia mais vasto pelo constante desenvolvimento da C. G. T., reconhece a necessidade da presença e acção permanente do secretário geral e autoriza-o a desempenhar-se desta missão até resolução em contrário. — O delegado da Amora».

O mesmo delegado chama a atenção do Conselho Confederal para a forma como funciona o Conselho Jurídico, a todas as relações sociais; são os que orientam a sociedade e que sustentam os pilares do Estado — centro em torno do qual todos gravitam para defender a injustiça, a falsidade, o impudor, a crápula, a corrupção.

O carácter torna o homem são, honesto, nas suas relações sociais. E não é isto positivamente o que pretendem os homens que nos governam (?) política e economicamente. No seu critério o homem deve ser — para os servir humildemente como escravo, em troca duma mísera retribuição, unicamente para não morrer de fome; e honesto — defendendo, zelando aquilo de que eles se apossaram indevidamente, usurpando uma riqueza que a todos pertence.

## PENSAMENTOS

**Os sentimentos de liberdade são a essência mesma da nossa alma colectiva. Por isso a tolerância tem de ser a maneira por que o Poder deve manifestar a sua força.**

ANTONIO GRANJO.

(Do jornal *A República* de 16 de Agosto de 1919).

## O nosso correspondente em Pinhal Novo

Somos informados que o camarada Manuel de Jesus da Silva, nosso correspondente em Pinhal Novo, não foi preso em virtude da sua carta que há dias publicámos, mas sim por vingança de alguns elementos reaccionários daquela localidade.

Aquele camarada veio na quinta-feira, abaixo de prisão para o Barreiro; dali foi ontem conduzido para o quartel de sapadores dos caminhos de ferro em Campo de Ourique; depois foi para o quartel geral, onde um capitão o interrogou, voltando novamente para o Barreiro, sendo entregue ao comandante da força para ali ser interrogado pelo alferes Marques Pinto.

«Está em seguida para onde o enviarão? Isto é vergonhoso!»

Para satisfazer caprichos de alguns mal intencionados, achamos que as autoridades não procedem com muita legalidade, apesar de constantemente a apregoarem, e por isso a liberdade daquelha camarada impõe-se, porque é um trabalhador honesto, sendo o único amparo da família, crescendo ainda o facto de ter gravemente enferma no hospital sua companheira.

## Por ler «A Batalha»

Participa-nos Arnaldo da Graça, guarda do chátrio do Alto do Pinheiro, que o chefe da esquadra daquele sítio o prevenira de que se continuasse a ler *A Batalha* ou a fazer propaganda do que ela expunha, participaria para o governo civil ou para a Câmara Municipal.

«Está então na alçada de qualquer criatura da policia determinar os jornais que cada um deve ler? Não será isso um abuso de autoridade?»

res terão verificado, tudo o que há de mais infantil e parvo. Conheciamos-lo já nos na data em que *A Vitória* o publicou, e por isso mesmo não demos importância a esta publicação.

A verdade é só esta. E, pelo amor de Deus, não nos supunham tam afastados das realidades que fôssemos elaborar ou adoptar um plano revolucionário deste teor, com bombardeamentos em Massarelos, efectuados por grupos abecedários.

Mas como explica então *A Capital* a sua patranha de ontem, a menos que esteja empenhada em justificar as dispendiosas excursões de recreio que a vadiagem policial ali empreende continuamente?

## CONTRASTES

### A «crise de carácter» e os «amarelos»

Entre outros problemas de que, uma vez por outra, se ocupa a imprensa no país, um houve que ela bastante agitou, mas que já esqueceu: a crise de carácter.

Mas, abandonou-o por já ter cessado aquela manifestação? Não. Foi apenas porque muitos dos que se ocupavam daquela manifestação, combatendo ou criticando as manifestações de falta de carácter, eram igualmente vítimas da mesma crise, quando não concorriam para que a falta de carácter persistisse.

E' que para combater a falta de carácter só há um meio: a educação — do espírito e da vontade. Mas como haviam os homens que criticavam a crise de carácter combater este mal, se eles não expurgavam de si próprios os vícios que os enlaçavam, nem a mentira que, por outro lado, defendiam, nem o vil interesse que determinava os seus actos?

Muitos deles eram políticos. E já vimos que o político falasse verdade quando pretende impingir o seu *elixir*?

Outros eram negociantes, industriais, banqueiros. E já vimos estes senhores deixarem de se enganar uns aos outros e, sobretudo, de enganar o que lhe cá nas garras industriais?

Outros, ainda, são os jornalistas que se aliam a empresas capitalistas, financeiras ou comerciais, para a defesa declarada ou encoberta de negócios, nos quais o consumidor é escandalosamente esbulhado.

E contudo é o conjunto de todos estes personagens que forma a opinião, que mantém o espírito de autoridade que imprime o carácter, o seu carácter, a todas as relações sociais; são os que orientam a sociedade e que sustentam os pilares do Estado — centro em torno do qual todos gravitam para defender a injustiça, a falsidade, o impudor, a crápula, a corrupção.

O carácter torna o homem são, honesto, nas suas relações sociais. E não é isto positivamente o que pretendem os homens que nos governam (?) política e economicamente. No seu critério o homem deve ser — para os servir humildemente como escravo, em troca duma mísera retribuição, unicamente para não morrer de fome; e honesto — defendendo, zelando aquilo de que eles se apossaram indevidamente, usurpando uma riqueza que a todos pertence.

## Pois é neste momento, a propósito das actuais greves, que a falta de carácter, daqueles que combatiam a crise de carácter, mais se manifesta.

O homem com carácter é, sobretudo, leal.

Numa greve todos os operários devem ser leais, posto que a greve é a coligação voluntária de todos para a defesa dos interesses que lhes são comuns.

Mas os homens da imprensa, com critério e carácter bífrente, apregoam precisamente o contrário. Encarecem a traição, a espionagem e a vilania.

Em nome de quê? Da pátria. Para eles a pátria são os interesses do Estado, os interesses capitalistas — o que, de resto, não é novidade nenhuma. A verdade, porém, é que uma greve nunca é dirigida nem feita contra a pátria. Ou é contra o Estado, se este é patrão, ou é contra o patronato particular. E' uma batalha, nesta guerra social, um incidente na luta de classes. São os possuidores da riqueza e do mando que constituem a pátria? Tudo indica que sim, e o mesmo dizem, sem querer, os pluriestados da imprensa burguesa.

Pois dentro desse critério, que aceitamos, os operários combatem, tanto nobremente quanto lho permite a lealdade do inimigo — o Estado e o Capital — que, por sua vez, procura vencê-los.

E agora pergunto: será honesto, revelar o carácter do facto de se elevar quasi à sublimidade o gesto dos operários que atacam os seus camaradas, que não são desertam das fileiras do bom combate, mas que se passam ou ficam com o inimigo?

Se a traição é nobre, sensata, honrosa, como deve ser considerado o acto do soldado que deserta em campanha, que se passa para o inimigo e combate os seus antigos camaradas?

Para que os encarcerarem? Para que os fusilarem?

Porque, pelo contrário, não cantam a sublimidade da sua acção?

Que diferença há entre o traidor militar e o traidor operário?

Vá, srs. pluriestados, expliquem, esclareçam esta questão...

Demonstrem, uma vez mais, o seu *il-dimo* carácter.

Mafarrico.

## Os trabalhadores de imprensa e a sua situação económica

E' hoje que, a convite de um grupo de 50 profissionais do jornalismo, se realiza, pelas 17 horas, na Associação dos Trabalhadores de Imprensa, uma reunião magna dos redactores, reporteiros, informadores e revisores dos jornais diários de Lisboa e correspondentes dos diários de diversos pontos do país, para se tratar da situação em que se encontram os profissionais do jornalismo em face da actual carestia da vida.

A Federação do Livro e do Jornal foi convidada a fazer-se representar.

## A SEGUNDA MENINICE...

Mais um que não dá a vez...

LONDRES, 16. — O visconde de Melville, de 78 anos de idade, de Melville, acaba de casar com Miss Margaret Todd, de 43 anos. — (Radio).

## União dos Sindicatos Operários

### Conselho de delegados

Sob a presidência do delegado da Companhia Carris de Ferro, reuniu na p. p. quinta feira o conselho de delegados a este organismo.

E' lido o expediente que consta de: carta de Carlos Bramão, delegado do Sindicato dos Operários Alfaiates e secretário arquivista da União, pedindo a demissão dos cargos que ocupava em virtude da sua reitrada para a provincia, devido ao seu abalado estado de saúde, sendo nomeado para substituir o delegado efectivo do Sindicato dos Impressores Tipográficos, Officio do Sindicato dos Empregados Menores do Comércio e Indústria, comunicando que retira o seu delegado à União, mas temporariamente, enquanto a assembleia da classe se não manifestar para a legalização do Sindicato perante a organização. Officio do Sindicato dos Tanoeiros, comunicando o terminus do seu movimento de aumento de salários, com vitória para a classe. Officio do Sindicato Unico da Construção Civil, resolvendo o Conselho que se enviasse à sua procedência por não ser atribuições da União, ocupar-se do assunto que o officio cita, mas sim a respectiva Federação de Indústria; e um officio do Sindicato dos Operários Alfaiates, comunicando as resoluções tomadas em uma sua sessão magna no que respeita a aumento de salário e outras reclamações de carácter moral.

Antes da ordem dos trabalhos, os delegados dos Tanoeiros, da Construção Civil, Manipuladores de Pão e União Têxtil ocupam-se de diversos assuntos de interesse para o proletariado e em especial das classes que representam. Os delegados dos Sindicatos dos Construtores de Macadam e dos Operários da Limpeza e Saneamento Público incidem o Conselho sobre a marcha do movimento dos operários do município e as fases por que tem passado.

O secretário geral comunica ao Conselho que, devido aos esforços da União, se encontra já reorganizado o Sindicato dos Distribuidores de Jornais, cujos camaradas que à sua frente se encontram esforçam-se em defender a classe da exploração de que tem sido vítima.

E' votada uma salvação às classes actualmente em luta e um protesto contra as prisões arbitrárias e violências praticadas pelo governo, e em especial, as prisões das camaradas José dos Santos e Alfredo Pinto, delegados a este conselho.

O Conselho autoriza a Comissão Administrativa a proceder ao depósito na Caixa Económica de Lisboa de todo o dinheiro deste organismo, ao mesmo tempo que indica que para proceder a levantamentos, quando se torne necessário, sejam os camaradas secretário geral, secretário adjunto e tesoureiro.

Na ordem dos trabalhos prossegue a discussão sobre a situação do Sindicato dos operários barbeiros, a quando do seu último movimento de aumento de salário, apresentando o delegado do mesmo Sindicato todos os documentos que ao mesmo assunto se referem e que se trocaram entre os operários e lojistas.

Sobre o assunto falam diversos delegados, sendo ainda, por requerimento do delegado efectivo do S. U. Metalurgico e devido ao adiamento da hora, requerido que, devido à importância do assunto, a discussão prosiga na próxima reunião.

Pelo delegado dos Manipuladores de Calçado foi presente depois de justificada a seguinte moção:

Considerando que um movimento contra a carestia da vida se apresenta para o povo, na sua maioria inconsciente, de resultados incertos, preocupando-se pouco por esse motivo com movimentos dessa natureza;

Considerando que o movimento de protesto contra a carestia da vida iniciado pela C. G. T. está perdendo a homogeneidade pelo pouco interesse que as classes trabalhadoras lhe votam;

Considerando que várias classes trabalhadoras se estão movimentando pro-amente de salário;

Logo, a immediata nomeação de um comissão, cujos trabalhos tenha por fim:

1.º Desenvolver uma intensa propaganda nos sindicatos aderentes tendente a demonstrar-lhes as vantagens da equiparação de salários;

2.º Reclamar dos sindicatos aderentes uma nota exacta dos salários que cada uma das classes auferem;

3.º Depois destes elementos terem sido fornecidos a U. S. O. estabeleça as percentagens de aumento de salário;

Logo, que esse estudo esteja feito, o lançamento na luta seja feito no geral, ou por grupos de classes, tendo em vista aquelas que tenham correlação entre si.

Esta moção foi admitida e pelas razões acima expostas ficou para discutir na p. l. reunião do Conselho.

Para assunto urgente, é convidado o camarada Raul Baptista, delegado efectivo a este organismo pelo S. U. Metalurgico, a comparecer hoje, pelas 14 horas, no gabinete.

## Manuel Ribeiro

Foi antontem preso, como noticiámos Manuel Ribeiro, o autor de *A Cathedral* e redactor principal da *Bandeira Vermelha*. Foi preso arbitrariamente, por escrever, por delicto de imprensa. E, facto curioso, os outros jornais, os outros jornalistas, que defendem as ideias mais diversas e mais opostas; os outros jornalistas que amanhã também podem ser presos por delicto de opinião não esboçaram — salvo pequenas excepções — o mais insignificante gesto de protesto. Não dizemos isto porque Manuel Ribeiro tivesse pensado sequer na solidariedade de tais cavalheiros, já habituados a cobardia.

Registámos o caso porque ele é significativo, porque ele demonstra aos outros jornalistas... estão aptos a aciar todas as tiranias.

## O movimento ferroviário

### Conserva-se no mesmo estado

Ainda não se resolveu o governo a entrar em negociações para solução do conflito ferroviário, quando da parte das classes em luta há o desejo, já por vezes demonstrado, de tratar conciliatoriamente as suas reclamações.

O país vai sofrendo as consequências de tal renitência dos governantes, que, para se ilibarem de culpas, responsabilizam os ferroviários pela situação grave que se atravessa.

Mas se estes se prontificam a entrar em negociações, como fôra sempre sua vontade, porque não se resolve o governo a sair do seu mutismo?

Assim nada lucra o público, que o governo diz defender.

## Nota officiosa

Do Comité Central dos Ferrovários de Portugal

As últimas notícias recebidas do Norte ao Sul do país, confirmam a firmeza de todo o pessoal em greve e a sua disposição em não se curvar às imposições do governo, mas sim em negociar conciliatoriamente as suas reclamações.

Nas linhas da C. P., apesar das ostensivas notícias sobre normalização completa de serviços, continua a manifestar-se a maior irregularidade, havendo comboios, dos poucos que se realizam, com grandes interrupções, que gastam 36 e mais horas no seu trajecto.

Estes factos são confirmados pelos próprios passageiros, que ostensivamente se tem manifestado contra eles, o que desmente em absoluto tudo quanto se tem publicado sobre este assunto.

As violências da força armada, por ordem do governo, continuam a produzir-se, sendo expulsos das suas residências muitos ferroviários, por terem a hombridade de se declararem grevistas. Na C. P. tem-se salientado no auxilio prestado à força para esse fim alguns dos poucos ferroviários não grevistas, como o chefe Pereira, de Alfaiates, o qual chegou a aconselhar um officio da guarda a mandar fazer fôgo sobre um grupo de grevistas, que se encontravam fora do recinto da estação, assim como incitou o mesmo officio a mandar despejar as casas do pessoal.

No M. D. e S. S. todo o movimento se encontra garantido.

Ainda sobre a nota officiosa da Direcção Geral de Transportes, publicada há dias, devemos dizer que os seus intuitos explorativos estão claramente demonstrados pelos factos já citados e por mais estes: Em tempo normal as bilhetes de Lisboa T. P. rendem, em média, diariamente, 3.000\$00 a 3.200\$00. Havendo dias que rende 1.000\$00 e outros que excede a 4.000\$.

Como pode, pois, ser afirmado que uma receita de 2.300\$00 é sintoma de normalização de serviços?

Diz o Estado e a Companhia que dispensam os serviços do pessoal em greve pelo que se acha aberta a inscrição para novo pessoal. Por sua vez, uma parte da imprensa, diz que enquanto o pessoal de tracção se não apresentar, não é possível a normalização dos serviços.

Afinal, é o pessoal que é indispensável aos serviços ferroviários das Companhias e do Estado, ou é a Direcção militar que é capaz de garantir a normalização dos serviços, com pessoal novo e sem treino nem conhecimentos profissionais?

O comandante militar de Setúbal, diz um jornal da noite de ontem, telegrafou ao ministro do Comércio desmentindo o choque que esteve imminente entre a Moita e Pinhal Novo, atribuindo a precipitação de um grevista, quando tal choque de facto esteve imminente, sendo evitado por uma guarda barreira, caso a que fizemos referência, o que autoriza este Comité a desmentir a informação do sr. Coronel Pires.

## O desastre do vapor «Minho»

Sobre o desastre ocorrido há dias com o vapor *Minho*, que abalrou com a ponte do Seixal, tem-nos chegado várias informações que confirmam o que de princípio dissemos. Não é nosso intuito alargar o público, mas simplesmente esclarecê-lo da verdade do que se passa, e a verdade não deve esconder-se.

Como se tenham verificado, segundo notas do governo ou de quem superintende hoje nos caminhos de ferro, alguns actos de sabotagem e ataques aos comboios, que não se sabe quem os praticou, apareceram comunicados daquelas entidades atacando os grevistas, como se se provasse serem eles autores, chamando-lhes criminosos e nomes correlativos, fazendo os jornais cêro com essas notas, sem curarem da veracidade das informações em notícias alarmantes e sucessivas. Porém, ainda não provaram se seriam os grevistas os autores de tais atentados. O bastante é apontá-los como criminosos da pior espécie ao público que ignora o que se passa nos bastidores de toda esta comédia, no intuito reservado de os lançar às feras.

No entanto, sobre o caso do vapor *Minho*, não se diz nada, porque ele não serve para atacar os grevistas, pois de contrário ter-se-ia pintado o quadro com as mais negras tintas e os grossos normandos não eram dispensados para que o leitor ficasse terrificado.

E nós, não querendo dar à estampa uma tal falsa notícia, abruptamente lançada a público, vizando, por certos objectivos que a opinião do povo ajudará, temos tido o cuidado de esperar que luz se faça para podermos dizer o que há de verdadeiro sobre a desgraça que se consumou.

O comité central da greve tem assumido a responsabilidade das afirmações

## Pessoal da tipografia do Sul e Sueste

Abaix de recebermos a carta que abaixo inserimos, do sr. Guilherme Dias, chefe da tipografia do Sul e Sueste, já um nosso camarada nos tinha dito para rectificarmos o nome do individuo a quem era atribuído andar a aliciar o pessoal da tipografia para retornar o trabalho.

Foi o sr. Ivo Estrêla Carneiro quem aconselhou os seus colegas a apresentarem-se, dizendo até que havia ordem de prisão para o pessoal da tipografia, sendo acompanhado no lançamento de tal boato e nessa tentativa de aliciamento pelo sr. Antonio José Gonçalves.

Lisboa, 16 de Outubro de 1920. — Camarada Redactor — A propósito da greve ferroviária e na parte que se refere ao pessoal da Imprensa dos Caminhos de Ferro do Estado, publica a *Batalha* uma nota referente a uma humilde pessoa, que em nada é verdadeira. Nem por mim, nem por indicação de outrem, aconselhei sequer algum dos meus colegas a abandonar o trabalho. Respeito muito a dignidade desses meus amigos para me atrever a aconselhá-los no assunto, quando, como homens, devem ter ideias definidas.

A continuação do que digo estarão de certo os únicos com quem falei e que são: Ivo Carneiro, António José Gonçalves, Arnaldo Mendes, Antonio de Serra e Moura, Eduardo Ribeiro, Jaime Marques, António Maria Frago, Joaquim de Oliveira, José João Lucas, João Hilário e Manoel Hilário. — Amigo e obrigado, Guilherme Dias.

## Notas várias

Escreve-nos um camarada do Barreiro comunicando-nos que foi preso na quinta feira, quando estava pescando junto do vapor *Alentejo*, o camarada António Joaquim da Cruz, guarda-freio de 2.ª classe.

Então já ninguém pode empregar a sua actividade no que entender, ou tem que pedir autorização a algum para isso?

Teriam receio que aquele camarada fosse sabotar o *Alentejo* que já se encontra avariado?

Estas perseguições já se vão tornando ridículas, não sendo com tal procedimento que as questões se resolvem.

## Um manifesto dos ferroviários do Vale do Sado

Em vista das notas officias que tem vindo a público sobre os ordenados dos ferroviários, tem os interessados respondido como devem, fazendo cair as afirmações que as mesmas contem e a que temos dado publicidade.

Sobre o mesmo assunto acabamos de receber um manifesto dos camaradas ferroviários do Vale do Sado, que suficientemente esclarece o público no que diz respeito à *exagerada* reclamação por que lutam, e que a seguir publicamos:

Aos espíritos serenos, justos e sensatos, aos que despidos de preconceitos retem a apreciação as coisas com imparcialidade, ponho de parte interesses pessoais para dar lugar a critica justa e correcta, dedicando estas linhas para que as apreciem com o de justiça.

Mas só a esse... porque aos outros, da quem os separam um abismo cada vez mais profundo, a esses só poderemos endereçar o sentimento do nosso mais soberano desprezo.

Comparem o quadro seguinte:

Gêneros alimentícios ou artigos de 1.ª necessidade	PREÇOS	1914	Hoje	Aumento
Feijão, litro	810	470	600	130
Grão de bico, litro	810	470	600	130
Pão, quilo	810	470	600	130
Azeite, litro	810	470	600	130
Arroz, quilo	810	470	600	130
Sabão, quilo	810	470	600	130
Sardinhas, quilo	810	470	600	130
Bacalhau, quilo	810	470	600	130
Toucinho, quilo	810	470	600	130
Chouriço, quilo	810	470	600	130

Média no aumento do custo da vida nestes gêneros: 78,9

Como se vê, a média do aumento do custo da vida, estabelecendo o confronto de 1914 com a época actual é de 78,9 %, ou sejam 78,9 %, números redondos, isto restando-nos unicamente aos artigos acima indicados, porque se fôssemos incluir o custo do calçado e vestuário, que também são de 1.ª necessidade, essa média seria consideravelmente elevada. Para o fim que temos



